

## ENTRE O APITO E O CHEIRO DE PEIXE

História, cotidiano e sociabilidades no bairro Cidade Nova

*Ticiano Duarte Pedroso<sup>1</sup>*

### *As Origens do bairro*

Rio Grande 4 de Junho de 1878, um documento chegado da presidência da província anunciava às autoridades locais que um de seus maiores anseios se resolveria. Os terrenos devolutos situados além da antiga linha de trincheiras por fim, poderiam ser realmente loteados, vendidos ou aforados.

O desenvolvimento urbano da cidade de Rio Grande já se mostrava um assunto muito recorrente desde os meados do século XIX, onde comumente eram mencionadas questões referentes ao crescimento da cidade, assim como, as possíveis obras de melhoramento urbano. O fim das trincheiras e a incorporação definitiva dos antigos terrenos devolutos aconteceram em um momento muito significativo dentro da história do município de Rio Grande, um momento de crescimento econômico e industrial.

O primeiro sinal de ocupação da área já havia sido dado em 1855 quando por questões higiênicas, foi transferido para lá o cemitério da cidade. Alguns anos depois, a instalação da Fábrica Rheingantz, e a Estação Ferroviária do Rio Grande, nas proximidades, dariam então um caráter próprio ao bairro. Logo após ser concedido o direito de posse da municipalidade sobre os então terrenos desocupados, já era muito claro, entre autoridades locais, de que, naquela área seriam desenvolvidos e aplicados os projetos de melhoria do local. Os limites bem definidos por quatro boulevards: 14 de Julho, Major Carlos Pinto, Buarque de Macedo e 15 de Novembro, o enquadramento das ruas, a supressão das quadras 43,44, 52,53 para a criação de uma praça, o não aforamento e venda de uma área próxima às trincheiras destinada a criação da Estação Ferroviária já eram realidades antes mesmo da existência do bairro<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Bacharel em História, formado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestrando em Ciências Sociais PPGSC da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

<sup>2</sup> Relatório Câmara Municipal do Rio Grande 1880.

Nos primeiros anos, a questão da ocupação populacional do bairro, esteve envolta a muitas especulações referentes ao desenho e enquadramento definitivo, ao aforamento e rendimento destes terrenos, e ao possível desenvolvimento da região, o qual estaria diretamente ligado a instalação da Estação de trem.

A forma de distribuição inicial dos terrenos era por venda, ou por aforamento, consistindo a segunda, na prática mais utilizada pelas autoridades para promoverem o desenvolvimento populacional no bairro. O foro garantia o direito de posse dos imóveis e renderia aos cofres municipais um valor anual permanente próximo à 3:000\$000<sup>3</sup>. O aforamento dos terrenos dentro do bairro não era concedido a qualquer pessoa, antes de tudo, era preciso que este indivíduo trouxesse vantagens em benefícios dos melhoramentos materiais do município, para que, dessa forma, tivesse algum terreno concedido. Em busca dos melhores terrenos, - (*os mais bem localizados, próximos ao centro da cidade, boulevard Buarque de Macedo e os próximos a Estação ferroviária*) – donativos eram oferecidos à Câmara Municipal, em preferência destes locais.

Fazer surgir uma nova cidade em meio à cômoros de areia, e ter como propósito a expansão para outros limites, parecia ser uma tarefa complicada, como foi. Inicialmente foi preciso despertar o interesse dessa emergente burguesia riograndina para o novo espaço que surgia. E de que forma isso foi feito? Hora, a fórmula utilizada por nossos políticos foi simples. Na verdade, haviam algumas certezas. Certeza da instalação da Estação Ferroviária, certeza da linha de trem que ligaria Rio Grande a Bagé, certeza de que a fusão das duas iria trazer um imenso progresso para a região, certeza da indústria têxtil de Carlos Rheingantz ser uma potência, capaz de si só promover o desenvolvimento de seus arredores, certeza de que naquele momento a cidade se encontrava em um período de prosperidade econômica, certeza de que as obras de melhoria da barra do Rio Grande era uma questão de tempo, e a certeza de que o desdobramento da urbe rumava para aquela direção.

Chama atenção o fato da classe trabalhadora não ser a beneficiada com o aforamento da área, justamente eles, que em sua grande maioria viviam de alugueis no centro da cidade. Apostou-se precisamente no lado contrário, nos que melhores

---

<sup>3</sup> Relatório Câmara Municipal do Rio Grande, 1883.

condições tinham, pois eram estes os melhores representantes, porta vozes do progresso almejado. Existiria alguma outra vantagem além da possibilidade de lucrar com o arrendamento de um lugar ainda inóspito? Que indivíduo em sã consciência abandonaria sua confortável residência na área central da cidade, para construir uma nova em um lugar que estava surgindo, ainda carente de total infra-estrutura? Pelo que parece as autoridades locais apostaram errado, e perceberam, pois o espraiamento do Cidade Nova passaria necessariamente pela classe trabalhadora.

No ano de 1885 começava a tramitar na Câmara Municipal, a idéia, a qual, mais tarde resultaria na forma mais eficaz de desenvolvimento do bairro, que foi justamente um programa de isenção do imposto das décimas urbanas, para todas as habitações existentes, assim como, para todas que fossem construídas ali durante dez anos<sup>4</sup>. Tendo em vista o cenário real e projetável da cidade também tinham como conceito a facilitação de acesso dos proletários a meios mais cômodos de habitação por um preço de aluguel baixo, e em condições higiênicas favoráveis ao morador<sup>5</sup>.

Inserido dentro de um contexto de industrialização e modernidade, buscadas de forma incessantemente por nossas autoridades, o bairro irá conviver com antinomias bastante peculiares ao pensamento da época. Mesmo estando muito próximo ao centro urbano da cidade, o bairro Cidade Nova durante muitos anos preservou algumas características rurais.

Para entender esta contradição é preciso primeiramente entender a situação e o momento no qual a cidade estava imersa. As duas últimas décadas do século XIX seriam um prenúncio dos frementes anos que viram pela frente. Muitas indústrias de pequeno, médio e grande porte viriam instalar-se em Rio Grande, à isso soma-se o fator do porto local, único no segmento marítimo dentro do Estado. Não é difícil perceber que estamos tratando de um caso bastante particular.

Rio Grande à época se projetava como potência econômica, era uma cidade propriamente industrial, de ávidos investidores capitalistas, estrangeiros e locais, e de um corpo operariado composto massivamente por trabalhadores de origem rural,

---

<sup>4</sup> Relatório Câmara Municipal 1885.

<sup>5</sup> Relatório Câmara Municipal 1886.

provenientes da decadente região da campanha, no Sul do Estado, que encontrava grandes dificuldades em atender o crescente mercado e ainda concorrer de maneira desfavorável com os frigoríficos da região do prata.

Viver na cidade, trabalhar em uma indústria, ser bem remunerado e conseqüentemente mudar de vida, eram motivos suficientes para fazer chegarem à Rio Grande muitos migrantes oriundos da região sul, e até mesmo imigrantes de diversas nacionalidades. Uma das maiores economias do estado, a boa localização geográfica, e o expressivo mercado econômico contabilizavam ainda mais de forma positiva a atração por novos ares dessa massa trabalhadora flutuante.

Estamos aqui tratando de um período de profundas modificações nas estruturas econômicas, sociais e culturais do país. Rio Grande teve a primeira indústria, mas isso não significa que estivesse preparada para tê-la, nem todos os empresários tinham a mesma concepção de trabalho que Carlos Rheingantz, nem todas essas pessoas que até aqui chegaram, encontraram o que estavam à procura.

### *As antinomias do bairro*

O Cidade Nova foi o lugar destinado aos migrantes que chegavam à Rio Grande. Foram essas pessoas que em sua essência colonizaram a região e conferiram a ele essa mistura exótica dos elementos industriais, moderno, com o ritmo lento e tradicional do campo. Os lotes, terrenos, eram grandes, em média tinham proporções de dez metros de frente por trinta metros de fundo. O tipo característico de habitação eram os chalés de madeira, com telhas francesas ou telhado meia água, a quantidade de cômodos dentro de cada casa variava de acordo com a situação financeira do proprietário.

As ruas eram todas de muita areia, e as quadras ainda não eram completamente preenchidas com propriedades de moradia<sup>6</sup>, existiam muitos terrenos a serem vendidos, assim como existiam muitas chácaras urbanas e leiterias, essas, normalmente ocupavam mais de um lote de terra.

---

<sup>6</sup> De acordo com os relatos dos moradores aproximadamente até a década de 1950 as ruas ainda não eram completamente preenchidas por casas.

Dentro de uma temporalidade histórica de quase um século, o bairro Cidade Nova foi um laboratório de vivências da classe trabalhadora. Porque ali foi possível experimentar a vida em uma cidade que vivia tempos rápidos ditados pelos apitos das indústrias. De dentro das casas era possível controlar sem olhar no relógio o tempo, pois o ritmo do cotidiano era guiado de acordo com o sinal da Rheingantz. O primeiro apito significava o início de um novo dia, de uma jornada de trabalho, o segundo pelo final da manhã anunciava a troca de turno, a hora do almoço. O sinal do final de tarde anunciava que era hora de retornar as suas casas, para o merecido descanso.

Pequenos detalhes do cotidiano passam despercebidos pelas páginas da história. A forma de comportamento da classe trabalhadora do bairro merece ser analisada de maneira mais detalhada. Vejamos que existe uma fusão de diversos elementos presentes dentro da vida dessas pessoas, elementos do rural, fato justificado pela forte presença das chácaras, hortas, pomares, árvores, galinheiros, chiqueiros, estábulos, pombais, viveiros entre outras formas de criação de animais. A grande maioria das casas contava com esses típicos. Existe dentro desse universo a tentativa de reprodução do seu lugar de origem, o campo, acentuado pelas necessidades não supridas por condições econômicas, e também por questões própria de infra-estrutura.

Esse indivíduo de origem bem definida é um transeunte entre duas realidades de ritmos distintos, mas que no Brasil, principalmente na primeira metade do século XX passaram a ser quase sinônimo uma da outra, dependentes, a indústria da cidade precisa da mão de obra e a mão de obra está vinda do campo. Temos um cenário distinto, o indivíduo que tenta reproduzir em seu lar, um pedaço do seu lugar de origem, e no trabalho convive com a racionalidade do tempo, máquinas, cobrança, o medo, representado pelo perigo de acidente e pelo chefe, e também a questão salarial, que é o mais importante e que de maneira geral acaba sendo o principal determinante dessa fusão de mundos e tempos.

Essas antinomias se acentuam e ficam perceptíveis quando o cenário é transposto para o cotidiano dos moradores e trabalhadores. Ao retroceder oitenta, setenta, sessenta, cinquenta anos e mergulhar no universo particular de cada indivíduo é possível buscar os elementos dessa contradição existente dentro da sociedade da época. Tomamos agora alguns exemplos os quais foram colhidos nas entrevistas<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> De acordo com Michael Pollak, ao privilegiar a análise dos excluídos e das minorias a história oral

O acesso a água nas residências somente se dava por meio de cacimbas<sup>8</sup>, ou bombas. Famílias de melhores condições econômicas tinham bombas de recalque ligadas da cacimba a tonéis dentro de casa, este fato possibilitava a oportunidade de se ter água dentro de casa, uma água não encanada, porém a disposição dentro da residência. *“Aproximadamente a cada cento e vinte dias as cacimbas esgotavam, precisava ser limpa, a limpeza se dava da seguinte maneira. Uma pessoa descia até o fundo do poço e cavava com um balde retirando toda a areia suja até encontrar a areia branca, logo após, a água começava a verter e essa pessoa era retirada do poço. E para dentro dele atirava-se uma pedra de enxofre, que acreditavam conservar a água limpa por mais tempo<sup>9</sup>”*. A questão da água continuaria a ser um problema dentro do bairro até a década de 1960, quando começou a chegar a água encanada, antes disso os moradores tiveram de conviver com a desconfortável situação de retirar água e abastecer as tinas e latas de água.

Se o centro da cidade de Rio Grande já contava com instalações de água e esgoto desde o final de década de 1920, podendo seus moradores usufruírem de melhores condições higiênicas, tais como a água encanada, rede de esgotos e o vaso sanitário, no bairro Cidade Nova as condições eram bastante antiquadas. As necessidades fisiológicas eram realizadas em latrinas, popularmente conhecidas como “patentes”, estas que ficavam geralmente localizadas nos fundos dos pátios. Era espécie de uma “casinha” toda em madeira com um tampo no formato de um banco com um furo no meio. Os dejetos caíam direto dentro de um barril de madeira, que era trocado esporadicamente, pelo serviço de coleta de dejetos da prefeitura. As pessoas que realizavam este tipo de serviço eram popularmente conhecidas como “cabungueiros”.

A medida que o bairro Cidade Nova crescia, eram ampliadas as linhas do bonde. Quando este passava a circular por determinadas ruas, as mesmas recebiam uma cobertura de cinzas que eram colocadas por cima da areia. Essas cinzas derivavam da queima de carvão na usina de energia da cidade de Rio Grande, pertencente na época a

---

ressaltou a importância do que ele chama de memórias subterrâneas, integrante dos grupos culturais minoritários os quais se opõem à história oficial. Essas são as pessoas o qual Portelli considera incomparáveis, pois são capazes melhor do que qualquer documento oficial de fornecer um registro sobre o dia-dia do bairro.

<sup>8</sup> Poço artesanal de água utilizado frequentemente na região rural.

<sup>9</sup> Jurandir Marques Pedrosa 73 anos funcionário público aposentado e ex-morador do bairro.

prefeitura municipal. As cinzas eram largadas nas ruas em forma de pequenas pedras, com o decorrer da passagem de carroças e pessoas pelas ruas, essas cinzas iam se desmanchando e formando um terreno rígido e empoeirado, muito parecido com o saibro que temos hoje. Essa prática além de deixar o solo mais duro, transformava as ruas de areia solta em lugares de passeio.

Cena comum do cotidiano era se deparar com tropas de gado cruzando as ruas de areia solta do bairro. As tropas passavam pela rua Visconde de Mauá antiga Rua das Trincheiras, essa rua, também era popularmente conhecida como corredor das tropas. As tropas de gado que vinham de outras cidades, ou até mesmo do Povo Novo e Quinta chegavam primeiro ao matadouro municipal, de lá, o restante da tropa era levada até o frigorífico Swfit.

Esses pequenos detalhes colhidos nos relatos nos ajudam a entender melhor e visualizar os aspectos do cotidiano do bairro em meio ao século passado. Através destes, é possível entender como a sociedade da época convivia com o que José de Souza Martins chama de anomalias da modernidade brasileira<sup>10</sup>. Os discursos da época nos passam a idéia de progresso contínuo, desenvolvimento econômico industrial, porém esse progresso não está ao acesso de todos, ele é destinado para alguns, para os que podem pagar pelo gozo deste dito progresso.

Dentro desta pequena análise dualista de contradições é possível perceber que o moderno se apresenta em antagonismo com o tradicional, característica das interpretações dualistas. Neste caso, a representação se dá pela cidade, lugar da indústria, do moderno, e pelo bairro, lugar da cultura popular migrante do campo, preza as suas raízes tradicionais<sup>11</sup>.

O bairro é um lugar e vivências, é possível se experimentar a vida em uma cidade e ao mesmo tempo negá-la, quando o indivíduo faz o retorno as suas origens rurais, por meio da reprodução do ambiente em sua casa. Porém, se a cidade nega o bairro, não lhe proporcionando infra-estrutura verdadeira, possivelmente retirando toda a massa proletária do centro, tornando-o um lugar “limpo” e favorável a vida da classe mais opulenta, o bairro por sua vez se vê como um elemento participante ativo, pois está inserido economicamente na cidade.

---

<sup>10</sup> MARTINS, José de Souza. (2000) A sociabilidade do homem simples. São Paulo: Ucitec.

<sup>11</sup> SOTO, Willian Éctor Gómez. As anomalias da modernidade brasileira o subúrbio e a periferia. p.4.

Visto todas essas peculiaridades, “antinomias” existentes dentro deste espaço de estudo percebe-se a possibilidade de entender o bairro como um lugar suburbano. De suas origens até a fase mais industrial, O Cidade Nova sempre manteve as características, que de acordo com Martins<sup>12</sup> são necessariamente elementos presenciais do subúrbio.

Chácaras, leiterias, casas com pátios grandes, pomares, hortas, criações de animais, benzedeiros, curandeiros e homeopatas e o modo de vida humanizado e comunitário são elementos mais do que fundamentais que nos subsidiam para um entendimento melhor das contradições, existentes dentro desse espaço de fundamental importância para a história e cultura operária da cidade de Rio Grande.

### ***O Bairro operário***

Os investimentos industriais na cidade causaram efeitos diretos dentro do Cidade Nova. Além da Rheingantz, que fica nas proximidades, outras indústrias viriam a se instalar dentro e nos arredores do bairro. Fato este o qual proporcionou um aumento na demanda de trabalhadores para a região, pois, desta forma era possível morar relativamente perto do local de trabalho, e ainda contar com o programa de incentivo a moradia no bairro, que vinha ser o abatimento das décimas urbanas durante um período de dez anos.

Durante muito tempo o Bairro abrigou em suas dependências muitas indústrias, geralmente ligadas ao setor alimentício, eram empresas de pescados, conservas, doces, bolachas, massas, café, cordoaria, sapatos e tamancaria. Identificar a data de fundação de todas essas indústrias localizadas dentro do bairro torna-se uma tarefa árdua, pois no decorrer do século passado muitas dessas, vieram a fechar ou trocar de proprietários, fato que, em alguns casos ocasionava também a troca de nome dessas fábricas.

Porém algumas empresas ficaram marcadas dentro da história do bairro e dentro do imaginário de quem por elas passou. São elas: Fábrica Triunfo de sabão e conservas,

---

<sup>12</sup> Em termos atuais se poderia dizer que o subúrbio é o lugar em que o passado rural de algum modo sobrevive no urbano. (p.49)

No subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para as moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano: fruteiras, hortas, galinheiros, fornos de pão e broa, jardins, muitas flores e um certo suave perfume suburbano. MARTINS. José de Souza. (2008) Aparição do demônio na fábrica – Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. (p.50).

Fábrica Cunha Amaral de conservas, Frigorífico Anselmi de frios e derivados, a fábrica de cordas de Luis Lorea todas essas localizadas dentro dos limites do bairro. Já nas proximidades citamos a fábrica de tecidos de lã Rheingantz, a Cia de fiação e tecelagem (Fábrica Nova), a fábrica de pescados e conservas Eduardo Ballester, a fábrica de charutos Poock, Viação Férrea do Rio Grande, e Leal Santos S.A de pescados conservas e biscoitos.

A partir dessa exposição fica muito claro perceber a áurea operaria que circundava a Cidade Nova. Dessa maneira a grande maioria dos moradores do bairro acabava vindo a trabalhar nas indústrias próximas. Mas cabe salientar o fato da rotatividade de empregos nesse período, pois era muito comum trabalhar por safras, contratos, ou diaristas. Fato este que gerava também uma massa operária flutuante dentro do mercado de trabalho.

Conseguir trabalho na época não era tarefa das mais difíceis, existia muita demanda por mão-de-obra. As indústrias de alimentos e pescados empregavam muitas pessoas como safristas ou diaristas. Como contaram alguns depoentes, o sujeito ao início da manhã se deslocava até a porta de uma determinada fábrica, onde tinha um encarregado que selecionava, escolhia quem iria trabalhar, no portão da empresa.

As potências industriais da cidade: Rheingantz, Fábrica Nova, Swift, Refinaria de Petróleo Ipiranga e claro, os (públicos), Porto e Viação Férrea eram os mais procurados e almejados pela massa proletária. Condições de trabalho dignas, o reconhecimento do esforço pessoal do trabalhador sendo sempre recompensado, a condição de fazer parte de uma grande indústria, relativa estabilidade, além do fato de uma boa remuneração, era os principais atrativos para buscar uma vaga nesses locais de trabalho.

Excetuando os cargo de chefia e alguns outros relativos a parte mais burocrática, as indústrias de pescados, utilizavam muito a já mencionada mão de obra flutuante, o qual frente aos padrões da época eram vistos como uma espécie de sub-proletariado, pois eram justamente aquelas pessoas que não conseguiam se firmar em nenhum outro emprego, ou migrantes da região da campanha, que então necessitavam viver dessa rotatividade nas indústrias locais.

O trabalhador da indústria pesqueira era alvo de discriminações, principalmente fora do seu ambiente de trabalho. A roupa branca, utilizada por todas as indústrias de pescados, identificava, estigmatizava-o, então quando andavam na rua eram facilmente

identificados “os peixeiros”. “Agente saía da fábrica, tomava banho se lavava, e pegava o ônibus para ir embora para casa, mas o cheiro do peixe ainda ficava e as pessoas ficavam olhando pra gente e torcendo o nariz, tinha muito preconceito, principalmente com as mulheres, porque elas tinham fama de serem mulheres fáceis, mulheres da noite, que iam para o peixe para aumentar a renda ou tentar arrumar um chefe para mudar de setor na empresa, diziam que peixeiro era isso, peixeiro era aquilo”<sup>13</sup>.

Nesse caso específico, a roupa serve como elemento instantâneo identificador de uma condição de trabalho e o odor exaltado pelos trabalhadores do setor serve como indicador de uma condição social diretamente associada a pessoas de status mais baixo. Em termos remunerativos estavam na condição considerada normal<sup>14</sup>, porém o labor em meio ao forte cheiro do peixe, e a condição simplesmente de ser rotulado de “peixeiro” e ter o cheiro entranhado nas mãos, em muitos casos eram suficientes para causar a recusa do trabalho no setor pesqueiro.

Independente de ser um trabalho malcheiroso e sujo, a indústria pesqueira possibilitava uma “boa” remuneração ao operário, pois pagavam por produção e também ofereciam muitas horas extras, principalmente quando era prevista a chegada e saída de barcos.

De maneira geral a indústria pesqueira foi predominante dentro do Cidade Nova, justamente porque esteve dentro dos seus limite, ainda hoje é possível encontrar os antigos prédios dessas fábricas que por um longo período foram a forma de manutenção e sobrevivência de muitas famílias.

### ***Considerações Finais***

Nas últimas décadas a história da cidade do Rio Grande ficou muito restringida e não pode ser dito de outra forma, ligada a história da imprensa local. Por hora, tentou-se buscar uma história total da localidade, à medida que se ampliavam em um pequeno leque buscando autores de outras áreas das humanidades. Mas foi pouco, é pouco e continuará sendo pouco por muito tempo.

---

<sup>13</sup> Neli Marques Pedroso, 68 anos operária aposentada da indústria pesqueira.

<sup>14</sup> A remuneração básica nas indústrias pesqueiras era o salário mínimo, porém a excessiva oferta de horas extras possibilitava ao trabalhador um bom acréscimo ao final de mês.

A medida que o aluno graduando do curso de história interessado em estudar a história local se depara com as publicações já feitas sobre o assunto, ele logo de imediato irá perceber a existência de uma extensa e vaga lacuna que agoniza, pede silenciosamente socorro, visto a sua necessidade de ser contada, de emergir dos porões da memória suburbana e periférica dos riograndinos.

Escrever a história em cima de fontes documentais, oficiais ou bibliográficas, faz parte do ofício de pesquisador, a possibilidade de conferir crédito a um trabalho não fundamentado em documentação ou bibliografia é remota. Mas a utilização da memória como meio de reconstrução do passado aparece no campo sociológico e historiográfico como grande aliada na busca pelo preenchimento de lacunas os quais as fontes documentos, não alcançam. Antes de qualquer coisa, trata-se de percepções individuais, subjetivas, que em alguns casos atingem a condição de memória coletiva. Essa metodologia não se esgota e confere sempre uma tonalidade de obra inacabada, uma vez que, testemunhas podem agregar novas percepções.

Buscar detalhes do cotidiano dos moradores do Cidade Nova, foi exatamente fazer uma regressão de oitenta anos no tempo é como se fosse possível fechar os olhos e adentrar, visualizar aspectos triviais, detalhes das ruas, das casas, do ambiente familiar, dos pátios, de personagens, do ambiente de trabalho dentro das indústrias locais. Aspectos os quais só podem ser capturados quando se busca o contato por meio da conversa, da entrevista, através da memória.

#### ***Referência bibliográfica:***

-CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

-LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

-MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário.** São Paulo: Ed. 34, 2008.

-MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990).** Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.

-PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930).** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

- PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais do município de Rio Grande.** Porto Alegre: Gráfica Imprensa Oficial, 1944.

-POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5,n10, 1992.

-SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia Angélica; THORMANN, Maria do Carmo. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, v.51. n1, p.27-71,1989.

- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo; Companhia das Letras, 1998. p.7,48.

- SOTO. William Héctor Gómez. As anomalias da modernidade brasileira.

#### ***Entrevistados:***

- Ermelinda Carvalho da Silva, 80 anos. Entrevista concedida no dia 20/01/2011

- Neli Marques Pedroso, 68 anos. Entrevista concedida no dia 25/01/2011

- Iolanda Vaz, 79 anos. Entrevista concedida no dia: 31/01/2011

- Jurandir Marques Pedroso, 73 anos. Entrevista concedida no dia: 31/01/2011

- Honorina de Oliveira Brito, 80 anos. Entrevista concedida no dia 20/01/2011